Motivação & Sucesso

Ano 28 - número 1512 - 31 de janeiro a 06 de fevereiro de 2021

Vestindo a carapuça

Luiz Marins

"Foi pra mim" protestou um leitor de minhas mensagens semanais "Motivação & Sucesso" que escrevo desde fevereiro de 1992. Outro pediu para sua secretária me ligar e ela me falou: ***"Ele está louco da vida, achando que o artigo foi escrito para ele..."*****.** Outro ainda, logo disse: ***"Por que não pôs logo o meu nome... assim todos já ficavam sabendo pra quem era a mensagem."*** Acreditem, mas essas reações são muito comuns em relação aos artigos e mesmo a livros que tenho escrito.

O meu livro **"Socorro! Tenho um Sócio",** de 1985 me deu um grande trabalho para explicar a pessoas que nunca tinha visto ou ouvido falar que não as conhecia e que o livro não foi escrito para elas. Imaginem então o meu livro **"Socorram-me dos meus Parentes"** (2001). Quase todos os meus familiares se sentiram ofendidos. Tinham certeza de que o livro havia sido escrito em relação a eles.

Confesso que fico feliz com essas reações. E não me considero um irrecuperável sádico. Fico feliz, em primeiro lugar, porque vejo que meus textos e livros são lidos, se não por muitas pessoas, por leitores que julgo de boa qualidade. Em segundo lugar, porque o simples fato de pessoas acharem que escrevi **"para elas"** denota a busca da universalidade antropológica que procuro dar ao fazer a análise do cotidiano ou de costumes e algumas estruturas sociais típicas.

Embora lisonjeado, quero pedir aos meus leitores que acreditem que ao escrever eu não tenho nenhum mortal específico em minha mente. Trata-se de um texto, quase uma crônica e não de uma carta pública a fulano ou cicrano. Eu não teria nenhuma dificuldade ou falta de coragem em escrever diretamente à pessoa para dizer o que dela penso se isso me incomodasse ou ocupasse algum espaço relevante de memória em minha mente.

Tenho recebido cartas anônimas incríveis sobre alguns de meus textos e só sinto não saber quem as escreveu para que pudesse agradecê-las. À professora de geografia que se achou injustiçada com um artigo que escrevi em que afirmei que *"os professores deveriam estudar mais, até mesmo geografia"* dizendo que eu ***"denegri a imagem dos professores de geografia",*** e que infelizmente ela não tem dinheiro como eu para ***"esquadrinhar (sic) os cinco continentes"***, quero dizer que reconheço todas as dificuldades do magistério, do qual nunca me afastei e minha história pessoal de passagem pela Secretaria da Educação e Saúde do Município de Sorocaba pode dizer o quanto procurei valorizar a figura e as condições de trabalho do professor. A essa anônima missivista que no final faz minha indicação para Ministro da Educação, quero agradecer e dizer que não tenho, nem de longe, o gabarito para essas lides.

Agradeço, também a mensagem por e-mail de um diretor de empresa que me perguntou incisivamente quem foi que me contou a sua história (dele) e pediu que não publicasse o nome da empresa. Quando respondi dizendo que não o conhecia, nem mesmo sua empresa e que ninguém me havia dito nada, recebi uma tréplica agradecendo minha discrição com a afirmação de *que* ***"jamais acreditarei que ninguém contou minha história ao senhor...".***

É óbvio que não sinto prazer em me indispor com pessoas, mas vou continuar a escrever sem me preocupar com quem poderá vestir a carapuça ou poderá se sentir ofendido ou ofendida. Jamais quero ser acometido pela pior das censuras – a autocensura.

Cada pessoa tem o direito inalienável de ser e se comportar como bem entenda. Não tenho a pretensão de criticar ninguém e menos ainda de julgar atitudes e comportamentos. Como antropólogo, apenas observo, comparo, teorizo e escrevo.

Peço, portanto, aos leitores e amigos que acreditem que não escrevo com endereço certo e que admiro e respeito muito a cada um de meus leitores a quem devo imensa gratidão pelos comentários, pelo prestígio e pela paciência em ler o que escrevo.

Pense nisso. Sucesso!